

**Boletim Conjuntural Semana 14/2026 – 1º de abril de 2026**

MILHO.....	2
MANDIOCA.....	2
CEBOLA.....	3
LEITE.....	4
SUÍNOS.....	4
FRANGO.....	5
PERUS.....	6

O Boletim Conjuntural desta semana aborda tanto movimentos de longo prazo, como resultados imediatos e desafios produtivos que podem definir o atual ciclo da agropecuária.

No campo, o encerramento do plantio da segunda safra de milho ocorre sob o monitoramento de instabilidades climáticas e ondas de calor que podem comprometer o potencial produtivo. Paralelamente, a mandiocultura atravessa um período de ajuste, onde o baixo valor de mercado e os altos custos de arrendamento incentivam a manutenção de lavouras para um segundo ciclo, visando maior produtividade para compensar as margens estreitas.

Já a cultura da cebola exemplifica o impacto positivo da tecnologia em um período mais dilatado, alcançando volumes maiores de colheita e valorização nas

cotações de varejo, mesmo com a redução histórica da área plantada.

No segmento de proteínas, o cenário é de expansão e ganho de eficiência. A suinocultura brasileira demonstra um salto qualitativo com o abate de animais mais pesados, consolidando um crescimento produtivo superior ao aumento do rebanho nos últimos dez anos. Esse vigor produtivo se reflete também na avicultura; tanto a carne de frango quanto a de peru registram um desempenho exportador robusto, com o Paraná liderando as receitas cambiais e ampliando a presença em mercados exigentes como o da China e o do Oriente Médio.

Por fim, o setor leiteiro apresenta uma forte elevação de preços ao consumidor final, motivada por custos industriais e oferta restrita, sinalizando uma possível recuperação na remuneração do produtor.

Integrando dados de safra, logística e mercado externo, este boletim busca oferecer uma visão abrangente sobre a resiliência e competitividade do setor agropecuário.

Boa Leitura!

## MILHO

*Adm. Edmar Wardensk Gervasio*

O plantio da segunda safra de milho 2025/26 chegou a 99% dos 2,86 milhões de hectares previstos para este ciclo. O pequeno volume de área restante deve ser finalizado ainda esta semana.

No campo, as condições das lavouras permaneceram estáveis em comparação à semana anterior. Da área já plantada, 91% apresenta boa condição e potencial para atingir a produtividade média esperada. Em condição mediana estão 8% das lavouras, área que pode ou não alcançar a produção projetada. E apenas 1% da área encontra-se em situação ruim e deve resultar em produtividade abaixo do esperado, gerando potenciais perdas.

Vale considerar que o mês de março não foi favorável para a cultura, apresentando chuvas irregulares e ondas de calor que afetaram o pleno desenvolvimento das lavouras e podem refletir um resultado menor do que o inicialmente previsto.

## MANDIOCA

*Eng. Agrônomo C. Hugo W. Godinho*

A safra de 2025 foi encerrada com uma área colhida de 140,1 mil hectares e uma produção de 3,6 milhões de toneladas. Esses números diferem da expectativa inicial de

2025, quando se esperava que a área colhida fosse próxima de 150 mil hectares e a produção superasse 4 milhões de toneladas. Tal diferença é explicada por uma peculiaridade da mandiocultura, que permite a condução de áreas por mais de um ciclo, sem a necessidade expressa de colheita como ocorre em culturas anuais.

A poda de áreas para serem reconduzidas, em vez de colhidas, foi incentivada pela manutenção dos preços em patamares mais baixos. Em 2025, o preço médio recebido pelos produtores foi de R\$ 552,19 - valor 5% superior ao registrado em 2024 (R\$ 525,50) - mas 31% inferior à média de R\$ 797,49 por tonelada registrada em 2023, pelo Deral.

A situação começa ainda mais complicada em 2026. Neste primeiro trimestre, os preços recuaram 21% em relação ao mesmo período de 2025. Essa dinâmica faz com que haja uma proporção cada vez maior de áreas de segundo ciclo em relação ao total, pois essas possuem produtividades maiores e pressionam ainda mais os preços. Porém, a retração dos valores começa a fazer com que menos áreas de pastagens sejam arrendadas para o cultivo, visando ajustar a oferta. Os altos preços do arrendamento, baseados no inflacionado preço do boi gordo, acentuam essa dinâmica. Ainda assim, as áreas de dois ciclos que

**Boletim Conjuntural Semana 14/2026 – 1º de abril de 2026**

devem ser colhidas em 2026 elevam a expectativa de crescimento para 6% na área colhida (148,6 mil hectares), com uma produção que novamente pode superar 4 milhões de toneladas.

## **CEBOLA**

*Eng. Agrônomo Paulo Andrade*

Os dados consolidados da safra nacional de Cebola de 2024, presentes na Pesquisa Agrícola Municipal/PAM do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística/IBGE, indicam que foram colhidas 1,7 milhão de toneladas (t) em 49,4 mil hectares (ha), gerando um Valor Bruto da Produção de R\$ 3,9 bilhões. Esta superfície cultivada é 12,8% menor aos 56,7 mil ha explorados em 2015, enquanto os volumes colhidos aumentaram 16,1%, quando se recolheu 1,4 milhão de t no mesmo período.

As tecnologias de ponta alçadas pelos produtores contribuíram para um incremento de 33,1% nos índices de produtividade, onde na década citada acima passamos de 25.513 kg/ha para 33.965 kg/ha.

O estado de Santa Catarina respondeu com 31,8% das colheitas, seguido da Bahia (17,6%), Minas Gerais (12,4%) e Goiás (11,9%), perfazendo 73,7% dos volumes do bulbo. Outros onze estados exploram a cultura, distribuídos em 813 municípios do país.

O Paraná, sétimo produtor nacional, participa com 5,6% da produção e já colheu e comercializou toda a sua safra, tendo o cebolicultor paranaense recebido R\$23,68/sc20kg (R\$ 1,18/kg) no mês passado, quando em fevereiro/26 praticou-se R\$ 16,34/sc20kg (R\$ 0,82/kg), um crescimento de 44,9%, repique na cotação, desafortunadamente, ao final da safra.

Na praça de atacado das CEASAS/PR, entreposto de Curitiba, as cotações para a cebola pera nacional ao final de março/26 estão 42,9% maiores que no início do mesmo mês (30Mar26: R\$ 50,00/sc20kg - R\$ 2,50/kg – 02Mar26: R\$ 35,00/sc20kg – R\$ 1,75/kg).

O consumidor final teve no varejo preços do quilograma em março pretérito em R\$ 3,78, cerca de 36,6% acima dos R\$ 2,77/kg de fevereiro/26.

Visando debater estratégias para o futuro do setor, será realizado em Ituporanga/Santa Catarina, entre 07 e 09 de abril próximos, o 36º Seminário Nacional da Cebola e o 27º Seminário de Cebola do Mercosul, conectando produtores, técnicos, pesquisadores, empresas e representantes dos setores público e privado da cadeia produtiva da cebola. (<https://senace2026.com.br/>)

## LEITE

*Méd. Veterinário Thiago De Marchi da Silva*

A pesquisa de preços no varejo, elaborada mensalmente pelo Deral, evidenciou forte alta no preço médio do leite em março, em especial do leite longa vida (+17%) e do leite em pó (+8,8%), diminuindo consideravelmente a variação entre os últimos 12 meses. Comercializado a R\$ 4,52, com aumento de R\$ 0,66 ante o registrado em fevereiro, o produto sofre com os custos crescentes na indústria, demanda estável e oferta reduzida.

Ainda que o preço pago ao produtor não acompanhe a alta observada nas gôndolas dos supermercados (devido principalmente ao prazo de pagamento adotado pelas indústrias), é possível que no mês que se inicia esse cenário mude, trazendo algum alento ao pecuarista, que em 2025 passou alguns períodos contando moedas.

## SUÍNOS

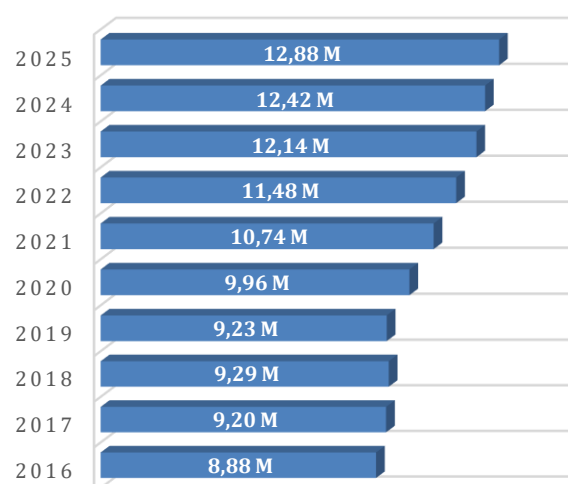
*Méd. Veterinária Priscila Cavalheiro Marcenovicz*

De acordo com dados da Pesquisa Trimestral do Abate de Animais do IBGE, a produção de carne suína do Paraná cresceu 57,7% nos últimos dez anos, passando de 777,74 mil toneladas (t) em 2016 para 1,23

milhão de t em 2025. Em média, o avanço anual foi de 6,2% no período.

Em relação ao número de suínos abatidos no Paraná, a elevação na última década foi menor, de 45%, passando de 8,88 milhões de animais em 2016 para 12,88 milhões em 2025, conforme ilustrado no gráfico a seguir. Nesse intervalo, houve um incremento médio de 5,3% ao ano.

**Nº suínos abatidos paraná  
- 2016-2025**



No cenário nacional, a produção de carne suína também registrou crescimento relevante nos últimos dez anos. O volume produzido passou de 3,71 milhões de t em 2016 para 5,66 milhões de t em 2025, uma variação de 52,4%. De forma semelhante, o número de suínos abatidos passou de 42,32 milhões de cabeças para 60,69 milhões no mesmo período, um acréscimo de 43,4%.

**Boletim Conjuntural Semana 14/2026 – 1º de abril de 2026**

O crescimento da produção de carne em ritmo superior ao aumento no número de animais abatidos, tanto no Paraná quanto no Brasil, indica ganho de produtividade, com o abate de suínos mais pesados.

## FRANGO

*Méd. Veterinário Roberto Carlos Andrade e Silva*

Segundo o Agrostat Brasil / MAPA, considerando o primeiro bimestre de 2026, as exportações brasileiras de carne de frango subiram 7,7% em faturamento, atingindo um montante de US\$ 1,788 bilhão, em relação ao valor acumulado em igual período de 2025 (US\$ 1,660 bilhão). Já em termos de quantidade exportada, houve um crescimento de 4,9% (2026: 929.439 toneladas; 2025: 886.081 toneladas).

No período analisado, o país exportou 88,6% de carne de frango na forma “in natura” - inteiros e cortes e apenas 2,1% na forma de industrializados (19.330 toneladas). Observou-se uma alta de 4,5% no volume de carne de frango “in natura” exportada. Em 2026 foram 823.266 toneladas e em 2025 787.471 toneladas. Por consequência, do lado do faturamento do produto “in natura” houve uma elevação de 7% no acumulado dos dois meses do ano anterior (2026: US\$ 1,588 bilhão; 2025: US\$ 1,485 bilhão).

A alta do faturamento foi resultado, basicamente, do maior volume exportado e do maior preço médio da tonelada da carne de frango. O preço médio da carne de frango “in natura” exportado cresceu 2,3% (2026: US\$ 1.929,34 tonelada; e 2025: US\$ 1.885,58/tonelada).

Os principais destinos da carne de frango brasileiro em 2026 (jan. a fev.) foram (volume / faturamento): 1º - Emirados Árabes Unidos (88.409 toneladas e US\$ 168,047 milhões), 2º - China (82.878 toneladas e US\$ 219,430 milhões), 3º - África do Sul (68.177 toneladas e US\$ 43,953 milhões), 4º - Japão (67.518 toneladas e US\$ 163,145 milhões), 5º - Arábia Saudita (67.381 toneladas e US\$ 157,305 milhões).

O desempenho dos cinco principais países importadores foram (toneladas): Emirados Árabes Unidos (+13,5%), China (-11,8%), África do Sul (+31,1%), Japão (+20,9%) e Arábia Saudita (+6,4 %). Quando se vislumbra a realidade do faturamento com a exportação, a performance dentre os cinco principais importadores, foi a seguinte: Emirados Árabes Unidos (+4,7%), China (+0,9%), África do Sul (+6,3%), Japão (+57,3%) e Arábia Saudita (+0,5 %).

Outros cinco importantes importadores de carne de frango são: 6º - Filipinas (55.264 toneladas e US\$ 51,413 milhões), 7º - Países

**Boletim Conjuntural Semana 14/2026 – 1º de abril de 2026**

Baixos (35.095 toneladas e US\$ 122,825 milhões), 8º – Coreia do Sul (34.727 toneladas e US\$ 75,099 milhões), 9º - Singapura (29.596 toneladas e US\$ 58,878 milhões) e 10º- México (24.530 toneladas e US\$ 57,649 milhões).

No Paraná, observa-se acréscimo tanto no volume exportado total (9%), como no faturamento (6,2%). Os números do primeiro bimestre foram: 2026 com volume de 398.742 toneladas e faturamento de US\$ 727,505 milhões; e 2025 com volume de 365.914 toneladas e faturamento de US\$ 685,285 milhões. Sobre a carne de frango “in natura” paranaense: 351.499 toneladas e US\$ 641,226 milhões (42,7% do total exportado pelo país: 823.266 toneladas / faturamento: US\$ 1,588 bilhão), verifica-se um recuo no preço médio exportado, da ordem de 1,5% (2026: US\$ 1.824,26/tonelada; 2025: US\$ 1.851,36/tonelada).

O Paraná (1º produtor e 1º exportador), nos dois meses de 2026, continuou destacando-se no contexto nacional, com participação de 42,9% do volume total exportado pelo país e com 40,7% da receita cambial (US\$).

Os outros quatro principais produtores e exportadores têm a seguinte posição (volume e faturamento): Santa Catarina (207.753 toneladas e US\$ 441,592 milhões),

Rio Grande do Sul (119,893 toneladas e US\$ 227,215 milhões), São Paulo (55.612 toneladas e US\$ 95,628 milhões) e Goiás (50.275 toneladas e US\$ 101,406 milhões). A performance exportadora dos outros quatro principais estados destaques, sobre igual período do ano anterior, foi (toneladas): Santa Catarina (+ 3,5%), Rio Grande do Sul (- 6,3%), São Paulo (+ 4,3%) e Goiás (+ 14,1%).

Quando se considera os outros dois principais produtores e exportadores, estes tiveram a seguinte participação (volume e faturamento) nesse início de ano de 2026: Santa Catarina (22,4% e 24,7%) e Rio Grande do Sul (12,9% e 12,7%).

## PERUS

*Méd. Veterinário Roberto Carlos Andrade e Silva*

Segundo o Agrostat Brasil / MAPA, no primeiro bimestre de 2026, a exportação nacional de carne de peru atingiu 10.356 toneladas, resultando num ingresso de divisas da ordem de US\$ 41,323 milhões. Assim, registra-se uma alta de 9,3% (volume) e 107,6% (receita cambial) sobre igual período do ano anterior (volume: 9.471 toneladas e receita cambial: US\$ 19,909 milhões).

No acumulado de janeiro a fevereiro de 2026, os principais estados produtores e exportadores foram: 1º - Santa Catarina (US\$ 19,724 milhões e 4.409 toneladas), 2º - Rio

**Boletim Conjuntural Semana 14/2026 – 1º de abril de 2026**

Grande do Sul (US\$ 10,891 milhões e 3.573 toneladas) e 3º - Paraná (US\$ 10,672 milhões e 2.365 toneladas).

No ano anterior, o Paraná apresentou os seguintes números: faturamento: US\$ 4,082 milhões e volume: 1.917 toneladas. Comparativamente ao ano anterior, esses estados registraram o seguinte desempenho nas exportações de carne de peru (volume): Paraná (+23,4%), Rio Grande do Sul (-14,6%) e Santa Catarina (+33,5%). Já em termos de receita cambial a performance foi a seguinte: Paraná (+161,4%), Rio Grande do Sul (+19,7%) e Santa Catarina (+200,2%).

Da quantidade total exportada em 2026 (10.356 toneladas e US\$ 41,323 milhões), 98,8% corresponderam a produtos "in natura" (10.236 toneladas e US\$ 40,606 milhões). O restante, 1,2%, foram produtos industrializados (120.726 kg). O preço médio da carne de peru "in natura" (98,8% do total exportado) foi de US\$ 3.967,40 por tonelada, 97,8% maior que o valor médio de US\$ 2.005,40 por tonelada obtido durante o ano anterior. Assim, a exportação total de produtos "in natura" resultou 21,2% maior de janeiro a fevereiro de 2026 frente a igual período de 2025, enquanto que a receita cambial cresceu 139,7% (2026: US\$ 40,606 milhões e 10.236 toneladas e 2025: US\$ 16,942 milhões e 8.488 toneladas).

Os principais destinos das exportações de carne de peru no acumulado dos dois meses de 2026 foram: México (3.293 toneladas e US\$ 15,787 milhões), Chile (1.489 toneladas e US\$ 9,809 milhões), África do Sul (1.411 toneladas e US\$ 2,414 milhões), Peru (646 toneladas e US\$ 1,831 milhões) e Guiné Equatorial (595 toneladas e US\$ 1,210 milhões). Em relação a igual período do ano anterior, se deu o seguinte desempenho em termos de volume adquirido, entre os cinco principais países importadores (volume): México (+1015,1%), Chile (+ 30,8%), África do Sul (-2,3%), Peru (- 27,6%) e Guiné Equatorial (- 12,2%). Entretanto, quando se analisa sobre o ingresso de divisas externas, a performance dos cinco é a seguinte: México (+2.259,7%), Chile (+192,4%), África do Sul (+38,8%), Peru (+18%) e Guiné Equatorial (+11,9%).

Outros cinco importantes importadores de carne de peru são: Países Baixos (453 toneladas e US\$ 2,943 milhões), Gabão (388 toneladas e US\$ 987.098), Benin (297 toneladas e US\$ 623.642), Bahamas (239 toneladas e US\$ 528.106) e Reino Unido (187 toneladas e US\$ 1,131 milhão).